

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

**A MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR E A REVISTA NOVA ESCOLA COMO
FONTE DE PESQUISA (2003-2015)**

ANA CAROLINE DA ROCHA

MARINGÁ

2016

ANA CAROLINE DA ROCHA

**A MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR E A REVISTA NOVA ESCOLA COMO
FONTE DE PESQUISA (2003-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Erica Piovam de Uihôa Cintra

MARINGÁ

2016

ANA CAROLINE DA ROCHA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do grau de licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Estadual de
Maringá, sob apreciação da seguinte
banca examinadora:

Aprovada em ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Erica Piovam de Ulhôa Cintra – Orientadora
Universidade Estadual de Maringá

Prof.Dr^o.Raymundo de Lima
Universidade Estadual de Maringá

Prof^aDr^a. Ivone Pingoello
Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

RESUMO	04
1 INTRODUÇÃO	05
2 METODOLOGIA	10
3 RESULTADOS/ANÁLISE	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
FONTES	25
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	27

A MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR E A REVISTA NOVA ESCOLA COMO FONTE DE PESQUISA (2003 A 2015)¹

Ana Caroline da Rocha²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo realizar o levantamento de fontes da Revista Nova Escola (2003-2015) em busca de artigos, estudos e reportagens a respeito da medicalização escolar, a fim de compreender o fenômeno da medicalização nas escolas, suas causas e efeitos, e como os educadores, comunidade escolar e afins, a partir desse material, compreendem esse fenômeno. A medicalização tem sido a válvula de escape face os problemas de sala de aula, como as dificuldades de aprendizagem e problemas relacionados ao “bom comportamento”; os testes utilizados para os diagnósticos demonstram fragilidades em suas especificações principalmente em relação ao TDAH. Compreendemos que a medicalização é um processo complexo que, na maioria das vezes, apresenta resultados duvidosos. Os artigos e reportagens encontrados no *site* da revista, revelaram-se parcialmente contra a medicalização como forma de tratamento dessas dificuldades enfrentadas em sala de aula. Porém, encontramos nestes estudos fragilidades quanto à fundamentação teórica dos mesmos, alguns dos artigos não trazem informações quanto aos autores ou estudiosos que foram consultados para a produção do artigo, apresentando somente a informação de apuração feita pela revista. Além disso, dentro do nosso período pesquisado, foram poucas as publicações sobre a medicalização de fato, outros artigos tratam de caracterizar os transtornos e a identificá-lo. Concluímos que, ainda há muito para estudar sobre a medicalização escolar, fato que a cada ano tem aumentado o número de casos nas instituições escolares. A Revista Nova Escola, uma das maiores revistas de circulação na comunidade escolar, apresenta, ainda que de forma superficial, alguns estudos sobre, mas não traça uma marca referencial sobre o objeto em foco.

Palavras-chave: Medicalização escolar. Revista Nova Escola. História da educação.

MEDICALIZATION SCHOOL AND THE NOVA ESCOLA MAGAZINE AS A SOURCE OF RESEARCH (2003 - 2015)

ABSTRACT

This paper had for guiding goal, the survey of the Revista Nova Escola (New School Magazine) sources in search of articles, studies and reports about the School Medicalization (2003-2015), in order to understand the phenomenon of medicalization in schools, its causes and effects, and how educators, school community and others, on the basis of this material, understand this phenomenon. The medicalization has been the escape valve for the problems faced in a classroom, such as learning disabilities and problems related to "good

1 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá do ano de 2015, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Erica Piovam de Ulhôa Cintra, Departamento da Teoria e Prática da Educação (DTP).

2 Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Paraná;

behavior", the tests that are focused for diagnosis, are not trustful and demonstrate certain weaknesses in its specifications especially concerned to ADHD. We understand that medicalization is a complex process that often have doubtful results. The articles and reports that have been found in the magazine's website, have revealed partially against the medicalization as a treatment of these difficulties faced in the classroom. However, we found weaknesses in these studies concerning to its theoretical basis, some of the articles do not provide information as to the authors or scholars who were consulted for the production of the article, only bringing the ascertainment information made by the magazine. In addition, within our research period there were just a few publications about the medicalization, other articles are heading to characterize the disorders and help to identify it. We conclude that there is still a lot to learn about the school medicalization, a fact that every year has increased inside the scholar entities. The magazine Nova Escola (New School), is one of the most consulted magazine by the school community, managed even in a superficial way, unravel some studies, but didn't left its benchmark brand for the study about the subject.

Keywords: School medicalization. Nova Escola Magazine. History of education.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta, assim como o interesse no tema medicalização, teve início com base nos estudos e discussões feitas no Grupo de Estudos e Pesquisas História da saúde, ciência e educação – GEPHSCIE (CNPq), coordenado pela Professora Erica Piovam de Uihôa Cintra – DTP/UEM, e que trata de assuntos que estão muito presentes no cotidiano escolar e nos levaram a pensar e a estudar por ocasião do seu crescimento e impacto vertiginoso nas escolas na última década, visto como a solução para problemas educacionais e comportamentais no ambiente escolar (FRANCO e CINTRA, 2012).

O que nos intriga como investigadores da educação são as relações existentes entre medicalização e os problemas de aprendizagem, e a possibilidade de visualizar esse contato considerando uma fonte específica de pesquisa, isto é, uma revista de alto alcance no meio educacional - seja por ser voltado especificamente ao público educador, seja pelo acesso facilitado pelo seu baixo custo e amplo acesso comercial em bancas de revista ou *online*. Desse modo, pesquisamos a medicalização como um fenômeno e ao mesmo tempo uma prática que foi sendo incutida na escola, procurando verificar qual a perspectiva

apresentada a respeito nos textos veiculados pela Revista Nova Escola direcionada ao público docente.

De modo geral, os remédios são designados a combater doenças, ou seja, problemas biológicos e localizados no corpo humano (FONSECA, 2007). Nesse específico, então, buscamos compreender como que o medicamento *Ritalina*, nome comercial ao princípio ativo metilfenidato, tem sido anunciado/informado pela Revista Nova Escola a esse público específico, e se são informados resultados dessa prática medicalizadora, ou outras possíveis como a pedagógica, e suas consequências para a vida dos alunos. Nossa pesquisa, portanto, procurou levantar fontes que permitissem compreender as reportagens produzidas sobre o tema na última década (2003-2015) e como a medicalização se tornou um tema cotidiano de nossas escolas – no limite, a Revista poderia ter influenciado de alguma forma nesse sentido?

A escolha da Revista Nova Escola como objeto de estudo ocorreu pela sua grande circulação no sistema educacional, por se tratar de um *impresso pedagógico*³ que relata com certa brevidade, mas com algum fundamento, temas específicos do campo educacional, por ser uma publicação voltada a um público amplo constituído por professores, educadores, gestores, pais e alunos, de modo geral, os envolvidos na comunidade escolar, e por ser ainda, de fácil acesso (físico e virtual) e de baixo custo.

A Revista Nova Escola⁴ começou a ser pensada no mês de setembro do ano de 1985, com a criação da Fundação Victor Civita, da editora Abril. O fundador, nascido em Nova Iorque e filho de pais italianos, tornou-se um dos maiores empresários do Brasil com esse grupo editorial. Informações do *site* da editora informam que o empresário era muito apaixonado pelo país, e de alguma forma queria retribuir o que aqui conquistara oferecendo alguma oportunidade de melhoria

3Os *Impressos Pedagógicos*, englobam todos os meios de comunicação especializada na educação, ou seja, desde os livros didáticos usados na sala de aula, até às revistas, jornais, manuais, divulgações, utilizados como meio de comunicação pelos professores e a comunidade escolar (ROCHA, 2014, p. 12, PIBIC–CNPq-FA-UEM). Noutra ocasião, desenvolvemos um projeto de iniciação científica sob esse tema no qual privilegiamos o estudo da Revista Currículo, de 1973, e, entendemos, por isso, ser esta presente pesquisa (TCC de Pedagogia/UEM) uma continuidade daquele estudo, agora com a Revista Nova Escola.

4 Os dados constam do histórico do *site* da Fundação Victor Civita.

da educação nacional. Aí nasceu a Fundação Victor Civita, uma instituição sem fins lucrativos.

Com esse sonho, Victor Civita, junto da Editora Abril, lançou dois títulos educacionais, *Escola*, em 1972, e *Professora Querida*, em 1983, mas nenhuma dessas revistas teve adesão na comunidade escolar. O lançamento da Revista Nova Escola, porém, em março de 1986, foi diferente, e contou com a aceitação dos professores e da comunidade escolar do ensino fundamental à época. Com essa repercussão positiva foi feito um acordo entre a Editora e o Ministério da Educação, para distribuição da revista junto as 220 mil escolas públicas e particulares de 1º grau no país. No *site* da Fundação Victor Civita, ainda, encontramos alguns dados que ressaltam a presença da Revista Nova Escola nas escolas, públicas e privadas, de grande e pequeno porte, em todo o país, justificando-se assim ser nosso objeto de pesquisa e nossa fonte de dados.

A Revista Nova Escola encontra-se em circulação há quase três décadas a um custo módico de 6 reais (valor mensal da assinatura) e nas bancas de revista variando de 4 a 6 reais por edição, com publicação mensal trazendo em seus conteúdos leituras, reportagens sobre a educação, desenvolvimento humano, aprendizagem desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental; é disponibilizada ainda em versão digital com vídeos e conteúdos extras, e *links* de artigos acadêmicos. A Revista Nova Escola é considerada a maior revista mensal do país com quase 500 mil impressos, como destaca o Quadro 1:

Quadro 1— a circulação da Revista Nova Escola em 2014

1,4 milhão de leitores¹
 454 mil impressos de circulação média²
 31 mil exemplares digitais de circulação média²
 A maior revista mensal do país.
 A segunda maior circulação do país.

FONTES:

¹ Projeção Brasil de Leitores Marplan, jan.a dez./14 - Circulação total.

² Circulação paga+gratuita - IVC (média jan. a dez/14).

Fonte: Fundação Victor Civita. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/relatorio-anual-2014.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2015.

O trabalho com a imprensa pedagógica é de grande valor para a pesquisa em história e aos historiadores, pois possibilita o acesso a informações e dados de um determinado período a respeito da educação escolar e demonstra as diretrizes e

propostas defendidas pelos seus editores e informadas às escolas, na via de conteúdos e métodos educacionais privilegiados, autores prestigiados, assuntos destacados, etc., e não apenas as informações que são evidentes, mas também as subliminares que estão nas entrelinhas desses impressos. Por meio dessas fontes, de forte apelo educacional, já que voltado ao público educador, são oferecidos materiais históricos que auxiliam os historiadores com os dados dos vestígios do passado, na reconstrução de fragmentos desse passado para melhor compreendê-lo e interpretá-lo (BLOCH, 2001). E é nesse sentido que buscamos nas entrelinhas da Revista Nova Escola, uma informação, um dado, um artigo sobre a medicalização escolar que auxilie na compreensão do entendimento editorial do assunto e na divulgação de que sentido a mensagem é informada ao seu público leitor, e assim entender qual o papel da revista nesse processo que também é educador, o da sua divulgação.

A temporalidade escolhida foi readaptada a partir das informações obtidas no processo da pesquisa, especialmente no que diz respeito ao acesso à fonte escolhida pelo meio virtual, no *site* da revista. Tal constatação nos levou a ampliar o período inicial da pesquisa, considerando agora os anos de 2003 a 2015, o que confere, por outro lado, com um tempo mais presente de nossa sociedade, além de ser neste mesmo período observado o avanço do fenômeno da medicalização na escola, bem como o aumento paulatino dos estudos acadêmicos realizados sobre o assunto (FRANCO, 2013; FRANCO e CINTRA, 2012).

Para se ter visão da importância do tema, a edição de junho/julho de 2013 da Revista Nova Escola, selecionada por busca simples pela palavra 'medicalização' no diretório *online* da revista, apresenta como título de uma das reportagens: "A escola esqueceu que é melhor prevenir do que remediar". Nessa reportagem, a jornalista destaca que, entre 2009 a 2011, segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o uso de metilfenidato no Brasil demonstrou um grande salto na venda desse produto (73,5%), e que, dentre os usuários estão, em sua grande maioria, crianças e adolescentes (6 a 16 anos) em idade escolar. Pensando o fenômeno da medicalização nas escolas, por que esses números tão alarmantes envolvendo as crianças em idade escolar? Podemos inferir, no futuro próximo, quais serão as consequências desse fenômeno no processo de aprendizagem dessas crianças submetidas a esse encaminhamento?...

Aprofundando o tema constatamos que em muitos casos a dificuldade de aprendizagem (atraso na leitura/escrita, operações matemáticas) tem sido a maior causa de encaminhamento das crianças para a rede de atendimento multidisciplinar (psicopedagogia, fonoaudiologia, psiquiatria, etc), e via única de culpabilização da criança/adolescente pelo fracasso escolar – entendido como “seu” fracasso/do indivíduo e não da escola/coletivo efetivamente. Para Patto (1996) esses problemas, que são de natureza pedagógica, deveriam ser tratados pela escola de modo a repensar a própria prática de ensino oferecida, a metodologia e a didática encaminhada, no todo, e não somente localizando na criança “o problema” que é o que acaba acontecendo. Nisso recai a culpabilização do indivíduo por não estar dentro dos padrões esperados pela escola... Desse modo, a neurociência acabou adentrando as salas de aulas a fim de oferecer mais estímulos para a aprendizagem acontecer, mas também como justificativa para a incidência dos transtornos, dificuldades e problemas na aprendizagem (GUARIDO, 2011, p.27).

No livro publicado pela Casa do Psicólogo, em 2011, intitulado *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*, o capítulo de Renata Guarido em *A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação*, é muito claro na constatação da ampliação de estudos e dos avanços científicos sobre a genética humana, os neurotransmissores e o avanço da biotecnologia e da medicina com base na biologia, que, por um lado, nos exercem fascínio no sentido de pensarmos controladores do nosso físico, da dor, etc., e por outro lado, caminha no sentido de marcar a *biologização da vida* com impactos sérios para a área da educação. Nessa vinculação, a autora seleciona algumas reportagens da Revista Nova Escola impressa (que em levantamento *online* usando a palavra-chave *medicalização* não foram encontrados), e da Folha de São Paulo, nos quais se destacam os seguintes temas: a importância de conhecer o mecanismo do cérebro para guardar informações e para fixação dos conteúdos escolares, de como entender a cabeça dos jovens para obter um bom aprendizado, de como o educador vem sendo educado para identificar esquizofrenia e outros males, etc. Elementos que nos parecem caminhar justamente no sentido de abrir espaço na escola para a aceitação do fenômeno da medicalização escolar. E a esse respeito, Guarido (2011, p.29) nos traz uma importante reflexão:

...tem se produzido, atualmente, uma multiplicidade de diagnósticos psicopatológicos e de terapêuticas que tendem a simplificar as determinações dos sofrimentos ocorridos na infância. O que reconhecemos como resultado deste tipo de prática é que um número cada vez maior de crianças em idade cada vez mais precoce é medicado de forma a tentar sanar sintomas das crianças sem considerar o contexto na qual se apresentam; não levando em conta, também, as complexas manifestações singulares de cada sujeito. Assim, no lugar de considerar um psiquismo em estruturação, supõe-se um déficit neurológico.

Essa suposição de déficit neurológico começa a ser apontada pelos professores em sala de aula às crianças com idade cada vez mais precoce como o observado por Guarido na citação acima. Por isso nossa hipótese caminha no sentido de visualizar como se tem tratado o tema na difusão da Revista Nova Escola, se pouco comentada, se, traz dados atualizados e especialistas, se coopera para a compreensão de que as soluções não precisam ser massivamente por via medicamentosa, mas também, e preferencialmente por via pedagógica.

Com a escolha da base de pesquisa, temporalidade e com o recorte da fundamentação teórica escolhida, foi preestabelecida a forma de pesquisa, sendo ela qualitativa de caráter documental e bibliográfico, pois, auxilia nos estudos da fonte já escolhida além de proporcionar uma reflexão-ação-reflexão do objeto de estudo.

2 METODOLOGIA

No início da pesquisa, o objetivo era trabalhar com o acervo físico das edições da Revista Nova Escola, dentro da periodicidade proposta, e disponível tanto no Laboratório de Apoio Pedagógico (LAP), vinculado ao Departamento de Educação (DTP), como na Biblioteca Central do campus sede da UEM. Entretanto,

no ato do levantamento das fontes⁵ encontramos somente algumas edições expostas nas prateleiras do LAP, ao lado de outras revistas da educação e ainda outras de assuntos do cotidiano como *Época*, *Istoé*, *Veja*. Nos arquivos em caixas, ainda no LAP, as edições encontradas da Revista Nova Escola não estavam completas, ou seja, não havia todas as edições, mas algumas de determinados anos, e mesmo essas não tinham título, artigos ou reportagens que tratassem diretamente do tema em foco, apenas uma, a relacionada à Neurociência anteriormente mencionada no artigo de Renata Guarido (NOVA ESCOLA, São Paulo, edição XXVII, número 253, jun./jul. 2012, *Neurociência como ela ajuda a entender a aprendizagem*).

Na Biblioteca Central também havia poucas edições da Revista Nova Escola, o que nos deixou a pensar que não seria suficiente o acervo físico apenas. Com esta incursão aos acervos mais disponíveis aos alunos dos cursos de formação de professores, sobretudo de Pedagogia, na UEM, observamos que tanto um como outro local, não dispõem do acervo completo da Revista, o que nos deixa a pensar sobre um aparente descaso com uma das publicações mais presentes nas escolas públicas e particulares do país, ou pelo menos e certamente, a mais lembrada pelo professorado do Ensino Fundamental. Com isso, nossa pesquisa tomou outro caminho, indo direto à fonte do *site* da Revista Nova Escola e nos seus recursos de busca *online*, dos artigos, das entrevistas, e das reportagens sobre a medicalização nas escolas.

Na pesquisa *online* rapidamente constatamos que estão disponíveis apenas as edições dos anos de 2006 a 2015, sem disponibilidade dos anos de 2000 a 2005 cujas edições, não todas, constavam do acervo no LAP. Nestas edições foram

5 Transcrevemos aqui todas as edições encontradas no levantamento de dados realizado no LAP: série XVIII: número 161, abr. 2003, *Cultura Visual*; número 163, jun./jul. 2003, *Memória não é decoreba*; número 164, ago 2003, *Geografia do novo mundo*; número 166, out. 2003, *Volta à escola*; número 168, dez. 2003, *Guia de férias para o professor*; série XXVI, número 244, ago 2011, *Inclusão*; número 245, set. 2011, *Prova à prova de cola*; número 246, out. 2011, *Você no centro das atenções*; número 247, nov. 2011, *5 estratégias de estudo*; número 248, dez. 2011, *Uma nova luz sobre a tabuada*; série XXVII, número 249, jan./fev. 2012, *Educação Infantil – Música -Educação Física: circo e Inclusão -Geografia: organização Urbana*; número 250, mar. 2012, *Apoio para aprender*; número 252, maio 2012, *Sustentabilidade*; número 253, jun./jul. 2012, *Neurociência: como ela ajuda a entender a aprendizagem*; número 254, agosto. 2012, *Por que e como ensinar gramática*; número 256, out. 2012, *Gestão da sala de aula*; número 257, nov. 2012, *Matemática 5º ano ao 8º ano*; número 258, dez. 2012, *A Educação Infantil*; série XXVIII, número 259, jan./fev. 2013, *Professores nota 10*; número 261, abr. 2013, *Todos podem ler e escrever assim*; número 160, mar. 2013, *Ciclo de aprendizagem: culpado ou inocente?*.

esquadrinhadas todas as sessões das revistas publicadas que também ficam disponíveis no *site* da mesma, e dentro desse esquadrinhamento foram encontrados artigos relacionados ao tema em foco.

3 RESULTADOS/ANÁLISES

A sociedade contemporânea tem buscado medidas artificiais, como os remédios (podemos pensar as plásticas e bisturis mais?), a solução de problemas que tem, muitas vezes, escopo social e até natureza pedagógica, assim é que definem Moysés e Collares (2007), docentes universitárias brasileiras e pesquisadoras ativas e engajadas na luta contra a medicalização da educação e da sociedade.

A modernidade – líquida ou sólida⁶ – trouxe à nossa sociedade ocidental configurações diferentes de mundo, de indivíduo, causando mudanças, novas molduras, novos padrões e uma busca constante da perfeição, da ausência de dor e frustrações (BAUMAN, 2001). No entanto, toda ação tem uma reação, e toda essa cobrança pelo belo, pelo corpo perfeito e pelo sucesso a qualquer custo, resulta em ainda mais frustração, ansiedade e outras conturbações: “e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros do indivíduo.” (Idem, p. 14).

Portanto, os remédios são apresentados como resolução desses problemas ou como apaziguadores do mal estar causado pela sociedade erigida atual, pois em efeito imediato aliviam ou adormecem as dores causadas pelas cobranças da sociedade moderna na produção de homens ideais em padrões irrealistas. E como esses novos moldes e a correspondência a essa nova sociedade refletem na escola? Nela encontramos os alunos fora do padrão, que não se encaixam ao que é esperado de alunos ideais, que tendem ao diagnóstico de hiperatividade e déficit de atenção aos quais são demandadas prescrições médicas de remédios que tratem dessas imperfeições, desses problemas de aprendizagem, desses desvios de personalidade.

⁶Para Zygmunt Bauman (2001, p. 14), a *modernidade moderna*, como ele descreve, define uma sociedade em constante mudança, é maleável, sujeita a transformações; já a *sociedade sólida* é aquela que se apega às regras, na qual a família tem seu ponto forte, e onde os padrões de homem são definidos e transmitidos.

Depara-se, assim, com duas possíveis concepções sobre o processo ensino-aprendizagem. Na primeira, como teoria, existe este processo biunívoco; entretanto, só admite a possibilidade de falhas no pólo do aprender. Se o processo não se efetiva, é a criança que não aprendeu e é nela que se devem buscar as causas. A segunda concepção é bem mais simplista, existindo apenas a aprendizagem em si... (MOYSÉS e COLLARES, 2011, p. 67).

Percebemos nas leituras de Moysés e Collares (2011) que o fracasso escolar, assim como as dificuldades de aprendizagem, são encaradas como problemas da criança, do indivíduo e não do seu entorno ou dos processos de aprender. O não aprender passa a ter característica simplesmente biológica, em causas supostamente neurológicas, emocionais, ou em situações debilitantes como a desnutrição que podem ser os causadores das dificuldades de aprendizagem. Ao focar apenas no indivíduo a origem e a causa do problema, temos o processo chamado de culpabilização do indivíduo, no qual ele próprio é o culpado pelo seu fracasso. Na roda ativa de todas essas frustrações e da culpabilização do indivíduo pelo fracasso escolar, a medicalização aparece como forma mágica de tratamento para os distúrbios da vida moderna.

A normatização da vida tem por corolário a transformação dos “problemas da vida” em doenças, em distúrbios. Surgem então, os “distúrbios de comportamento”, a “doença do pânico” [...] Aí encontram-se as raízes do processo de medicalização da sociedade. (MOYSÉS; COLLARES, 2011, p. 75).

A psicologia entra nesse processo como olheiro para as dificuldades e os problemas de aprendizagem caracterizando as disfunções encontradas na sala e as definindo, como: “disfunções orgânicas; traços de personalidade; capacidade intelectual; habilidades e competências perceptivo-motoras; problemas emocionais; comportamentos inadequados; carências culturais; dificuldades de linguagem; desnutrição” (MEIRA, 2011, p. 95).

Segundo Guarido (2008), os estudos demonstram que a medicalização tem se interrelacionado com a biologia, a psicanálise e a medicina. Destas, principalmente a medicina tem buscado em pesquisas, sobretudo as pautadas na neurociência, repostas para como o cérebro se comporta no processo de aprendizagem e assim como ocorrem as dificuldades do desenvolvimento cognitivo individual. Com essas informações é possível observar que as descrições feitas

tomam cada vez mais um caráter biológico, pois descrevem o aparato humano e o funcionamento cerebral a parte de todo o conjunto que define o indivíduo. Nesse entendimento, os professores em sala de aula deverão ser ensinados a perceberem os problemas cognitivos que seu aluno supostamente possa vir a apresentar e previamente identificá-los assim que alguns aspectos surgem, colaborando assim para que os instrumentos da medicina se tornem uma realidade no cotidiano do professor. Sendo assim, o professor se torna uma extensão dos especialistas da saúde dentro da escola, os primeiros diagnosticadores do desvio supostamente neurobiológico ou de algum distúrbio do aparato sensorial do indivíduo. O que reforça o conteúdo da medicalização no processo de aprendizagem escolar. Por isso, buscamos compreender, pelo que apresenta a fonte de pesquisa, como a escola tem respondido a esse apelo da medicalização de crianças.

Os resultados que encontramos foram poucos em relação ao período privilegiado e o foco da pesquisa. Todas as publicações disponíveis foram minimamente catalogada (ver ANEXO) avaliadas as capas e as sessões das Revistas Nova Escola, de 2003 a 2015, sendo encontrados alguns artigos, reportagens e indicações de vídeos que tratam da medicalização. Encontramos também outros que, em segundo plano, correlacionavam com o tema em foco, dentre os quais, principalmente a indisciplina em sala de aula, o fracasso escolar, a dislexia e entre outros distúrbios, como o TDAH. Em ainda outros casos foram apresentados artigos sobre a saúde do professor, como na edição n.º211 de abril de 2008, com o título “Remédios para o professor e a educação”.

O artigo refere-se principalmente à saúde do professor relacionando o estresse e a depressão como resultados dos desafios que a profissão exigem de quem leciona. Destacando também algumas referências de pesquisas feitas nos grandes centros (São Paulo como principal) que demonstrou elevados números de afastamentos e absenteísmo dos professores por doenças como a depressão e o estresse, além de expor alguns depoimentos de professores que passaram por tais situações e como conseguiram se recuperar e voltar a lecionar. No entanto, o artigo não se referiu, apesar de constar no título, sobre a educação, nada é mencionado sobre medicalização. O artigo é retomado na edição 253 de jun./jul.de2012, com o título de capa “Neurociência”, na sessão Saúde – a mesma edição mencionada anteriormente.

Os temas indisciplina, fracasso escolar e TDAH foram destacados nas edições: n.º209, jan./fev. 2008, *Currículo*, sessão – Pense nisso, artigo por Luís Carlos de Menezes: “A indisciplina ao alcance de todos”, e na sessão Saúde: “Quatro mitos da dislexia”; n.º 216, out.de 2008, *Efeito Dominó*, sessão “Formação inicial: a origem do sucesso (e do fracasso) escolar”; n.º 266, Outubro de 2009, *Indisciplina*, sessão “o que é, e o que parece ser, mas não é”, mapa conceitual da Indisciplina; n.º 231, abr. de 2010, *Um dia cheio de aprendizagem*, sessão Saúde com o título: A melhor receita, subtítulo “O que é o Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDAH)” e retomado na edição de Outubro de 2012, *Por que dizer não à medicalização da educação*, por Marília de Lucca e Elisa de Meirelles.

De forma geral os artigos tratam como identificar, por exemplo, a indisciplina e o TDAH em sala de aula, e como o professor deve trabalhar, incentivar o seu aluno a ter mais atenção, a ser participativo na aula, ou seja, mudar o ambiente, a metodologia do professor para que o aluno possa ter um comportamento mais adequado e produtivo em sala de aula, o que possibilita um bom aprendizado. Sobre o fracasso escolar o enfoque é como o professor tem se relacionado com o fracasso, buscando as respostas da sua formação até a metodologia e avaliação de seus alunos, o que pode acarretar o sucesso ou o fracasso dos estudantes.

Quanto aos títulos destacados nas publicações da Revista Nova Escola, apenas uma edição, em tema aproximado, teve destaque na capa da revista, dentro do período privilegiado, com alguma aparente correlação com a medicalização: a edição n.º253, mês de junho./julho, que traz na capa o título *Neurociência*. Nesse último caso, contudo, com a leitura do artigo, identificamos que em nenhum momento se fez menção à medicalização, ou a algum transtorno, focando-se apenas nos estudos dos estímulos cerebrais para a aprendizagem, os estímulos emocionais, e conforme os cientistas, como o professor deve apropriar-se da neurociência como fonte segura para criar sua metodologia em sala de aula. À título de curiosidade, outros três temas nada relacionados ao foco da pesquisa, porém mais destacados pela Revista Nova Escola na periodização aqui privilegiada, foram: alfabetização, sexualidade e gênero, e Educação Infantil.

Para ordem e registro das fontes encontradas no tema em foco, no período 2006 a 2015 (*online*), organizamos o quadro a seguir no qual destacamos os títulos/ano (manchetes) das publicações disponíveis no *site* da Revista Nova Escola,

no campo de busca “todas as edições” (ver catalogação, ANEXO), com a palavra-chave medicalização. Do esquadramento da fonte, observamos que muitos artigos se relacionam com o tema medicalização, contudo, pela brevidade das páginas, percebemos que é superficialmente trabalhada essa questão. Buscamos dentre os artigos já citados, outros mais que foram objeto de nosso olhar, com a revisão de cada sessão apresentada. Na seleção do Quadro 2, somente um dos artigos de destaque não traz a especificação de sessão publicada, pois não constava esta informação.

Quadro 2 – Relação dos artigos pesquisados por título, data da edição e autoria

1.O que é o Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade	Abril de 2010 Edição 231	- Bianca Bibiano (Repórter, com especialização na área da Educação) - Sessão:Saúde
2.Entrevista com Maria Mantovanini “se uma criança não aprende é muito mais fácil culpar uma doença”	Junho/Julho de 2012 Edição 253	- Beatriz Vichessi (Jornalista em sócio- psicologia, com experiência em Educação) - Sessão: Fala Mestre!
3.Por que dizer não à medicalização da educação	Outubro de 2012	- Marília de Lucca (apuração) - Elisa Meirelles (Edição) (Jornalista e especialista em Gestão da Comunicação) - Sessão: publicação no site – formação – criança e adolescente
4.Bethania Dell’Angli: a criança com TDAH pode aprender. É preciso saber como ajudá-la	Junho de 2013	- Anna Rachel Ferreira
5.Ritalina: a escola se esqueceu que é melhor prevenir do que remediar	Junho/Julho de 2013 Edição 263	- Anna Rachel Ferreira (Repórter da Revista – produção e redação)(apuração) - Sessão: Educação em debate
6.Diálogo de dislexia e dificuldades de aprendizagem. (texto e vídeo)	- Março de 2014 Edição 270	- Beatriz de Paula Souza – Psicóloga Universidade de São Paulo - Sessão: Fala Mestre! (vídeo)

No primeiro artigo, publicado no ano de 2010, observamos uma preocupação quanto a forma de entender o que é o Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDAH). Primeiramente é mostrado o quanto este transtorno se vincula à medicalização, sendo essa a forma de tratamento encaminhada. Porém há alerta para outras possibilidades voltando o olhar para o professor e seus métodos usados em sala de aula. No artigo, destaca-se ainda cinco passos para desenvolver esse olhar crítico do professor em sua forma de conduzir os conteúdos, além de

identificar a hiperatividade, valorizar a relação família e escola, e as formas de condução dos alunos identificados com TDAH e tratamento. Os cinco passos são descritos como: 1 - agitação não é hiperatividade; 2 - só o médico dá o diagnóstico; 3 - nem todos precisam de remédios; 4 - o diálogo com a família é essencial; 5 - o professor pode ajudar (e muito). Os mesmos são descritos no corpo do texto, sendo destacados por subtítulos onde é chamada a atenção do leitor para uma leitura mais objetiva em relação aos temas.

Feita a leitura dos subtítulos, vemos que a forma medicamentosa na e para a educação é vista como uma forma secundária de tratamento, ou seja, antes de dar o diagnóstico final é preciso entender alguns dos sintomas e suas diferenças, como entre a agitação e hiperatividade, que como descrito no primeiro subtítulo tem suas variações e assim deve ser investigado de antemão. O artigo em si foi bem objetivo e descritivo dentro de suas especificações sobre cada item e deixou claro, a partir da leitura, que a medicalização é necessária em alguns casos, porém é preciso cautela quanto aos diagnósticos precoces.

A segunda publicação trata de uma entrevista com a educadora Maria Cristina Mantovanini que defendeu tese e a publicou no livro “Professores e alunos problemas: um círculo vicioso”, pela Editora Casa do Psicólogo, São Paulo. A entrevista apresenta perguntas direcionadas sobre os excessos de diagnósticos sem critérios em relação aos transtornos relacionados a aprendizagem, e questiona a profissão de Psicopedagogo e seus desgastes. Em relação à dislexia e ao TDAH a educadora é direta ao dizer que estes problemas não impedem a criança de aprender, eles podem dificultar o processo de aprendizagem, mas o mais importante é rever todos os aspectos que interferem na relação aluno *versus* aprendizagem, como por exemplo, família, o próprio indivíduo e sua relação com a aprendizagem e principalmente a escola e a forma de ensino: em geral, a escola é muito normativa e defende que para aprender é obrigatório seguir regras e ponto final, como se todos fossem iguais.

Aos excessos de laudos médicos relacionados a problemas psiquiátricos a resposta é prática. Mantovanini reflete que de um ponto de vista filosófico, vivemos um momento de imediatismos, sem espaço para a reflexão. Por exemplo: [sem ter prudência] toda tristeza é [vista como] depressão. Então, você medicaliza. Para ela os indivíduos estão sendo silenciados. Os tempos modernos nos direcionam à procura de pílulas para a solução de tudo, temos que sempre estar ativos, por isso

procuramos soluções no imediatismo, não podemos estar fora do mundo produtivo. Na escola observamos isso, a criança desde pequena aprende a ser produtiva. O TDAH, um dos transtornos mais relacionados com as dificuldades de aprendizagem e também com o fracasso escolar, antes mesmo de ter esta denominação já era estudado por médicos e psicólogos que por meio dos sintomas como a impaciência, a falta de atenção, a agitação, procuravam entender como e porque esses comportamentos eram manifestados, principalmente nas crianças.

O mais relevante que as pesquisas nos mostram é que sempre existiram as crianças que se mostravam mais desatentas e hiperativas, mas ao mesmo tempo essas crianças tinham uma grande facilidade de inclusão nos grupos escolares, pois eram consideradas alunos que apresentavam certas alterações comportamentais, portanto, ainda não eram nomeadas como alunos que tinham transtornos ou algum problema cognitivo, isso podemos constatar na fala de Bonadio e Mori (2013), onde nos deixam claro que a modernização, assim como as mudanças familiares, podem ser fatores que influenciam no aparecimento de tais comportamentos desviantes:

Talvez a constituição familiar e a rigidez escolar dos séculos anteriores continham mais esses comportamentos ou até mesmo limitassem o seu aparecimento, uma vez que, em um período no qual o tempo não era tão acelerado, em que as mudanças tecnológicas não eram tão rápidas e a convivência entre as pessoas era mais ampla, essas crianças eram acolhidas socialmente com mais naturalidade. (BONADIO e MORI, 2013, p. 25-26).

Essa forma mais natural de compreensão e acolhimento desses fatores comportamentais foram se perdendo conforme a sociedade se modernizou e ampliou em tecnologia. Hoje nossas crianças e assim como todos na sociedade se relacionam diferentemente, já nascemos 'conectados'. A tecnologia nos trouxe a uma era em que o tempo é precioso, porém é escasso para tantas informações, acontecimentos, inovações que a cada segundo estão diante de nossos olhos na palma de nossas mãos. Essa tecnologia nos força, de certa maneira, a ser mais rápidos, mais acelerados, produtivos, se não o for, perde o valor, a conectividade é obrigatória para a produtividade, enfim. Contudo, entendemos ambigualmente o acesso a tanta tecnologia, pois se, por um lado, nos aproxima de muita coisa interessante, ao mesmo tempo, nos afasta daqueles que estão até mesmo perto da gente.

Voltando à descrição do segundo artigo ainda, da entrevista, em relação à formação de professores e de outras licenciaturas, a educadora é enfática em dizer que o professor não é preparado para dar diagnósticos de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Ela deixa claro que, com muita experiência, ele pode até “intuir” que seu aluno possa ter alguma disfunção, mas não identificá-la ou dar algum veredicto final. Que o trabalho do professor e da escola é o de buscar formas de integração dessas crianças com aparente dificuldade de aprendizagem, que se a escola como instituição educacional não dá conta de pensar o seu modo de ensino, dificilmente ela irá olhar para o seu aluno e compreendê-lo como um indivíduo que tem especificidades e assim ajudá-lo a superar possíveis problemas.

Contradizendo todos os artigos descritos até aqui, o terceiro artigo listado é a favor da medicalização, apesar da aparente negativa sugerida no título. Ele traz informações de um dos estados americanos que respondeu positivamente ao ato de medicar os seus alunos como forma de enfrentar o fracasso escolar e o baixo rendimento. É importante destacar que entendemos o ato indiscriminado de medicar todos os estudantes sem diagnósticos, como mencionado no texto, algo muito perigoso pelos efeitos colaterais que o metilfenidato pode causar e claro pelo risco de tratar fatos do cotidiano educacional como problemas de ordem medicamentosa.

Considerando esse primeiro momento de observação mais geral dos artigos vistos até aqui, entendemos que é preciso questionar esses casos de medicalização e não simplesmente aceitá-los como algo natural. É importante debater, conhecer e estudar outras formas de interpretação e compreensão do problema para que seja pelo menos posto em questão se a medicação é mesmo necessária para tantos ou para todos os casos. Em decorrência da *biologização do indivíduo e a patologização* das dificuldades de aprendizagem, tal como apresentam Moyses e Collares, surge também o processo de *culpabilização do indivíduo* pelo seu fracasso, assim como descrito no artigo, onde antes mesmo de ter problemas com o fracasso escolar, o estado americano de forma indiscriminada receita o uso de medicamentos para de certa forma elevar os níveis de aprendizado de seus alunos, o rendimento escolar. Ora, essa forma de “combate” ao fracasso escolar é também uma das formas de culpabilizar o indivíduo e não considerar avanços a partir de um processo efetivamente educacional ou pedagógico.

Ademais, a medicalização pode ser entendida como a continuidade de processos de interferência médica no contexto escolar de tempos atrás, isto é,

ligadas aos primeiros estudos realizados sobre as formas de aprendizagem das crianças e também ligados às instituições de ensino com relação ao processo de higienização das práticas escolares que, no Brasil, tem recorrência no século XIX, nos princípios da disciplina de Higiene das escolas médicas e mesmo de higienização dos espaços escolares, dos ambientes formativos, mas também de cuidado do corpo, do controle dos costumes, da higiene e saúde dos escolares (CINTRA, 2014). Podemos pensar, talvez, que a presença da Medicina no universo escolar, por via da Pediatria, da Puericultura, e mesmo da Psicologia em suas diferentes faces nos cursos de formação de professores e na educação dos pequenos, de forma a querer estudar como o homem aprende e se desenvolve em toda a sua extensão, desde sua infância, pode ter sido a via que acirrou, com o tempo, as questões que foram se firmando com a biopatologização das relações e, no seu limite, a medicalização da educação escolar:

Medicalizar é um fenômeno que teve, tradicionalmente, o sentido geral de reduzir as problemáticas sócio-políticas a questões individuais. Além disso, se o objeto da medicina foi, até certo momento histórico, quase que exclusivamente a investigação sobre as doenças, suas causas e efeitos e suas terapêuticas, medicalizar um fenômeno ou acontecimento, teve por consequência patologizá-los. (GUARIDO, 2011, p. 30).

O conceito de patologização é associada a uma visão organicista, atribuindo ao organismo do indivíduo o motivo de suas falhas, desordens ou até mesmo aos transtornos, assim como cabe bem a questão do TDAH. Além disso, é compreender que o ser humano, ao apresentar tais sintomas se encontra em uma desordem psiconeurológica que necessita de ajustes, compreendendo assim que o indivíduo é dividido em partes distintas, como se a mente funcionasse de forma independente do corpo.

Voltando as publicações no quinto artigo, “Ritalina: a escola esqueceu que é melhor prevenir do que remediar”, é destacado alguns dados da ANVISA sobre o uso da Ritalina em nosso país, assim como algumas informações sobre como é ministrado e seus possíveis efeitos colaterais. Os remédios, antes feitos para tratar doenças biológicas, do corpo, agora são oferecidos para tratar do fracasso escolar dos pequenos. O artigo destaca que isso pode ser explicado pelo fato de que, no período das férias, é significativo a porcentagem de queda do uso da Ritalina, ou

seja, o remédio é ministrado durante o período de aula. No entanto, o uso indiscriminado do metilfenidato pode causar muitas reações do organismo acarretando em “desordens psiquiátricas, redução do apetite, depressão, crise de mania, tendência à agressividade, morte súbita, eventos cardiovasculares graves e excessiva sonolência” (informações encontradas na bula do remédio). Então, como compreender o uso desse produto como forma de tratamento para a hiperatividade, ou a falta de atenção, se o próprio medicamento causa tantos efeitos negativos para o organismo que colabora para impedir o aluno de ter boas condições de aprendizagem? É, pois, um contra senso.

O artigo apresenta o alerta da ANVISA de que o composto da Ritalina deve ser usado como “auxiliar no estabelecimento do equilíbrio comportamental do indivíduo que deve estar aliado a outras medidas educacionais, sociais e psicológicas”. O texto é encerrado com uma frase que sustenta a opinião de que o uso do medicamento na educação deve ser cauteloso, pois, antes de remediar é preciso repensar a educação que estamos oferecendo aos nossos alunos para que assim pensemos em maneiras alternativas de alcançar aquele aluno que está vivenciando o fracasso escolar: “em vez de medicalizar o ensino, é preciso solucionar seus problemas. Cabe à escola, em parceria com o aluno e a família, identificar a parcela de responsabilidade de cada um para que, ao final, o professor consiga ensinar, que o restante da turma não se prejudique e a criança em questão aprenda.”

Faz-se preciso aqui fazermos uma ressalva ao conceito de fracasso escolar que acomete a quase todos os discursos como resultado de diagnósticos das disfunções neurais e dificuldades de aprendizagem. Patto (1996) realizou uma pesquisa que voltou bastante no tempo, ao período do Brasil colônia, com a propagação das primeiras escolas fundadas pelos colonos. Por meio desses estudos ela encontrou alguns dos principais argumentos que acometem o fracasso escolar, dentre esses e o principal é a questão de que o fracasso está ligado diretamente as classes mais populares, ou seja, o fracasso acontece em sua maioria com crianças que são de classes menos favorecidas, ou pobres. Essa é uma visão preconceituosa que redireciona o problema a condição social dos indivíduos o que também se torna uma forma de exclusão: a criança não aprende, pois os pais não lhe dão as condições mínimas para tal desenvolvimento, assim não há muito o que se fazer. Entretanto, tem-se aqui um fator ambíguo, pois se é oferecido e garantido

por direitos humanos o acesso a escolaridade gratuita, de qualidade e para todos, então porque relacionar o fracasso a uma condição se todos recebem a mesma educação *a priori* de qualidade?

Relacionando essa discussão, trago novamente o título de quinto artigo destacado no Quadro 2, “A escola esqueceu que é melhor prevenir do que remediar”, pois se há esta divisão, com a relação entre o fracasso escolar com as condições sociais e culturais do indivíduo, dentro da escola, a própria instituição esquece de seus valores, e assim a melhor desculpa e também forma de combater essa defasagem é remediar.

Ainda nessa discussão sobre os processos de medicalização da educação e da vida em sociedade, com suas porcentagens cada vez mais altas e no mesmo ritmo, as indústrias farmacológicas também aumentam seus números e lucros. Pensemos em relação à Ritalina que teve um aumento de quase 80% nas vendas do medicamento entre o ano de 2004 a 2008 (dados da ANVISA, 2010), isso reflete na economia farmacológica e de certa maneira os números engrandecem aos olhos dos que se beneficiam desses valores, e assim a produção sempre tende a aumentar conseqüentemente o uso também, e o preocupante é o uso indiscriminado do mesmo.

As pesquisas sobre o funcionamento neuroquímico humano impulsionam e são impulsionados pela indústria farmacêutica. O sistema de licença para produção e comercialização de remédios regula as drogas que podem ser disponibilizadas ao consumo, mas a lógica do mercado também interfere neste conjunto. [...] Os remédios atualmente produzidos apresentam-se como novos bens a consumir, atrelados a condição de produção de bem-estar, felicidade, auto-realização. (GUARIDO, 2011, p. 33).

Ainda nessa ligação da indústria farmacológica com a educação, no sentido de compreender como a escola se torna algo institucional, social e econômico, pois se relaciona com todo esse universo e é influenciada pelos mesmos, como citado acima, os remédios são como a dosagem da felicidade, da realização, do bem-estar, e como entender essa realização e bem-estar dentro da sala de aula? Relacionar isso ao bem-estar do aluno que antes hiperativo, com dificuldades de compreensão de conteúdos, sentirá, após ingerir o remédio: insônia, falta de apetite, irritação, apatia, etc. Conseguirá então ser prestativo e estar desperto para aprender todos os conteúdos? Ou mascara a situação de um professor que não sabe lidar com seu

aluno “indisciplinado”, que atrapalha sua aula, que não consegue fazer com que compreenda seu conteúdo, mas que verá seu aluno quieto em sua carteira “prestando atenção” em sua aula. Isso seria um bem estar em sala de aula?

E erro, se assim podemos pensar, no processo de ensino-aprendizagem, antes visto como algo positivo ou “estalo” (*insight*), em que a partir dele teríamos a noção do que nosso aluno já sabia e o que ainda não conseguiu compreender, ele, possivelmente nos ajudaria a procurar formas de traçar o caminho para a aprendizagem. Entretanto, isso parece ter mudado com a biologização e culpabilização do aluno, pois “ele não aprende porque é disléxico, portanto, eu como professor não posso ajudá-lo, melhor passar para o neuropsiquiatra”, um discurso já conhecido.

A direção da medicalização no mundo contemporâneo aponta, para uma biologização das experiências humanas, para uma retradução de suas vicissitudes em termos sintomáticos, para uma intensificação do uso de medicamentos na regulação e controle das vicissitudes da vida humana. (GUARIDO, 2011, p. 34).

Dando continuidade ao esquadrinhamento dos artigos, os dois últimos textos (4 e 6), tratam de entrevistas com duas psicólogas que expõem um pouco sobre seus trabalhos e estudos. O sexto artigo é um bate papo entre a psicóloga Beatriz de Paula Souza, coordenadora do Serviço de Orientação à Queixa Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), com a editora da Revista Nova Escola, Beatriz Vichessi. O vídeo é iniciado com uma pergunta sobre o excesso de medicalização na educação e a psicóloga deixa claro que os excessos iniciam primeiro na medicalização da vida, onde todas as dificuldades são tratadas como fatores biológicos e assim tudo é medicado. E na educação não tem sido diferente, o ato de medicar vem crescendo e marcando o território da educação. Em outro momento ela ainda destaca que o processo de aprendizagem é o ato de conhecer o aluno, de estar próximo e observar o que ele está querendo dizer com tal comportamento ou dificuldade, porém isso é difícil, é cansativo e numeroso, de modo que culpar uma doença é mais fácil, pois é algo do indivíduo, assim a culpa é toda dele, tirando o foco do outro lado da moeda.

Sobre a dislexia o vídeo apresenta um exemplo de escrita de uma criança na fase da alfabetização onde ela troca algumas palavras, relação fonema e grafema: “axistaogete (assistam gente) e “si gostaro comente” (se gostaram comentem).

Vendo esse exemplo a entrevistada informa que se trata de uma criança de 8 anos na fase da alfabetização, ou seja, ela ainda está aprendendo a escrever, erros como esse são normais nesse estágio de aprendizagem, ela está estabelecendo a relação da escrita, porém esse exemplo é tratado como um caso de dislexia. O raciocínio que é feito pela entrevistada é que a sociedade está biologizando quase que em todos os sentidos, se há algum problema é porque há uma doença, se a criança está escrevendo dessa forma é porque ela está com alguma disfunção biológica, então o melhor a ser feito é encaminhar para o neurologista e não se esforçar em buscar na escrita dessa criança o que ela está querendo demonstrar pela via pedagógica.

É neste sentido que trouxemos a discussão anteriormente do “erro” sem deixar de pensar que existem realmente casos de disfunções, mas deixar claro que aqui destacamos o excesso desses casos que tem no medicamento o tratamento, que parte do equivocado entendimento que dificuldade está relacionada a um tipo de disfunção ou problema de aprendizagem. Como o exemplo da menina de apenas 8 anos, no início de sua alfabetização, onde todo o processo de aprendizagem da leitura e escrita ainda está sendo construída, por isso tudo pode ser superado de forma pedagógica, sem maiores “traumas” ou ainda “rótulos”. Em outras palavras, o processo de culpabilização do indivíduo, a biopatologização se estende também a aprendizagem, e é algo que está se naturalizando equivocadamente na área da educação.

No quarto artigo a entrevista da também psicóloga Bethânia Dell’Angli, é discutido o ato de medicar e suas consequências para a educação, principalmente para o aluno. O destaque da entrevista é em relação aos debates que são feitos sobre a medicalização em que ela diz que ainda é pouco realizado tal debate e quando feito é de forma preconceituosa. Isso ocorre desde os diagnósticos que não são feitos de forma aprofundada, muitas vezes em uma só consulta aligeirada, já é dado o diagnóstico final sendo abordado somente a questão biológica.

O papel do professor ganha novamente destaque sendo ele muito importante nesses casos de dificuldades de aprendizagem, pois ele em sala de aula pode dar início a percepção de dificuldade, mas não para encaminhar o seu aluno aos serviços de saúde, mas sim buscar formas de integração do aluno, desenvolvendo pedagogias para ajudá-lo no seu processo de aprendizagem. E mesmo quando realmente diagnosticado o professor não perde seu foco como o principal agente nesta causa, é preciso que ele conheça o transtorno para que possa ajudar seu

aluno a se desenvolver e ultrapassar suas dificuldades, o remédio não deve ser o fim do trabalho pedagógico.

Com o levantamento dos artigos da Revista Nova Escola sobre a medicalização escolar, a organização em quadro dos 6 artigos observados e a consideração de cada artigo e a linha apresentada a respeito sobre o processo de medicalização da educação, compreendemos que, em sua maioria, os textos apresentam contrapontos suficientes no sentido de se mostrarem contrários a esse fenômeno que vem tomando conta da educação, incentivando e mostrando alternativas menos invasivas do que o uso do medicamento (Ritalina entre outros compostos) como forma de acompanhamento e superação das dificuldades e problemas de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada entendemos que as poucas reportagens apresentadas nos levam a pensar divergentemente em relação a naturalização da medicalização escolar. O conceito de TDAH, déficit de atenção, dislexia, hiperatividade entre outros, foi ganhando campo dentro das instituições escolares, sendo considerado o princípio fundamental do fracasso escolar e portanto a condição essencial para medicar/medicalizar.

Com o esquadramento da fonte em busca de realizar nosso objetivo, encontramos desafios, os primeiros em relação a defasagem da revista em nosso campo de atuação na universidade, e depois o acesso que o site permitiu, ampliando a periodicidade de 2003 a 2015. O resultado de nossa pesquisa nos proporcionou abordarmos mais especificamente 6 artigos e reportagens que tratavam diretamente da medicalização escolar.

Apesar de pouca repercussão do assunto, a revista se mostrou crítica ao processo de medicalização da educação, mostrando que existem casos de excessos quanto aos diagnósticos dos transtornos e do uso de medicamentos na solução de problemas da aprendizagem. Os artigos instigavam inclusive o leitor a refletir o processo da medicalização escolar, bem como a entrada da medicina e as áreas da saúde no campo da educação. O mesmo se observou do acesso à profissionais da área de psicologia que com sua experiência e estudos deram propostas de como

lidar com os casos e também como compreender pedagogicamente o seu aluno que apresenta dificuldades em aprender.

Nos dados fornecidos pela revista, as publicações eram feitas exclusivamente pelos repórteres da editora, alguns com especialização em educação, mas muitos apenas com experiências na área da comunicação.

A pesquisa nos mostrou finalmente que ainda há muito o que ser estudado, refletido e discutido sobre o assunto que transcende o ato de medicar, e que também traz em sua bagagem elementos do cotidiano escolar, como o fracasso escolar, a evasão escolar, a exclusão, o conceito de aluno, de infância e também de escola, no sentido que devemos refletir como estamos contribuindo pedagogicamente para este fenômeno estar tão presente em nossas instituições escolares.

Esperamos que por meio dessa pesquisa tenhamos contribuído nas reflexões e estudos sobre o processo de medicalização escolar instigando outros colegas a pensar mais criticamente o tema, e assim, inspirar outros mais para a compreensão do mesmo e colaborar para mudar essa realidade de excesso da medicalização em nossas escolas.

FONTES

Revista Nova Escola (*online*) – todas as edições 2006 a 2015.

<http://revistaescola.abril.com.br/>

Revista Nova Escola (arquivo físico – LAP/DTP e Biblioteca Central da UEM) – edições 2003 a 2013.

Histórico do site da Fundação Victor Civita.

<http://www.fvc.org.br/>

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**: diagnóstico da prática pedagógica. Maringá: EDUEM, 2013.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. **História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946)**. Curitiba: UFPR, 2014.

COLLARES, Cecília Aparecida; MOYSÉS, Maria Aparecida. Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo de ensino-aprendizagem. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (Orgs.). **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p.193-213.

DUPAUL, George J.; STONER, Gary. **TDAH nas escolas: estratégias de avaliação e intervenção**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2007.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANCO, Letícia Cristina; CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. Medicalização da infância: um tema para a educação. **Anais da semana de pedagogia**, Maringá, UEM, 2012.

FRANCO, Letícia Cristina. **A medicalização da infância na produção acadêmica paranaense: levantamento de fontes de pesquisa**. 2013. Iniciação Científica. (Graduando em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC/CNPq – Fundação Araucária – UEM. Orientadora: Erica Piovam de Ulhôa Cintra.

GUARIDO, Renata. A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: **Simpósio internacional “A educação medicalizada: dislexia, TDAH e outros transtornos”**, São Paulo, 2010.

_____. **O que não tem remédio, remediado está: medicalização da vida e algumas implicações da presença do saber médico na educação**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MEIRA, Marisa Eugênia Melilo. Incluir para continuar excluindo: a produção da exclusão na educação brasileira à luz da psicologia histórico-cultural. In: FACCI, Marilda; MEIRA, Marisa Eugênia Melilo; TULESKI, Silvana. In: **A exclusão dos**

“incluídos”: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: EDUEM, 2011.

MOYSÉS ; COLLARES. Medicalização: elemento de construção de direitos. In: **Direitos humanos**: O que temos a ver com isso? Rio de Janeiro, 2007.

PATTO, Maria Helena S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

ROCHA, Ana Caroline. **Difusões de modelos pedagógicos**: esquadrinhando as sessões da Revista Currículo – ano 1, de 1973 - 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC/CNPq – Fundação Araucária – UEM. Orientadora: Elaine Rodrigues, UEM – DFE/CCH.

ANEXO

Índice de Edição	Mês / Ano 2006	Título	Seções
189	Jan/Fev	Televisão na sala de aula	-
190	Março	Alfabetização	-
191	Abril	Educação Sexual	-
192	Maio	A copa vai à escola	-
193	Junho/Julho	Escola e Família	-
194	Agosto	Leitura	-
195	Setembro	Inclusão Digital	-
196	Outubro	Em busca da qualidade na Educação	-
197	Novembro	Sem medo de falar sobre a Violência	-
198	Dezembro	Planejamento	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2007	Título	Seções
199	Jan/Fev	Avaliação Escolar	-
200	Março	Como o jovem vê a escola	-
201	Abril	Profissão Professor	-
202	Maio	Consciência Ambiental na Escola	-
203	Junho/Julho	Parceria entre escolas e ong's	-
204	Agosto	“Como alfabetizo os meus alunos na 1° série”	-
205	Setembro	Drogas	-
206	Outubro	Inclusão...é hora de aprender	-

207	Novembro	Como o professor vê a educação?	-
208	Dezembro	Na escola aos 6 anos	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2008	Título	Seções
209	Jan/Fev	Currículo	-
210	Março	China	-
211	Abril	Como anda a sua saúde?	- Remédios para o professor e a Educação;
212	Maio	O Brasil da Pré-história	-
213	Junho/Julho	O que e como ensinar	-
214	Agosto	Você está pronto para falar sobre sexo?	-
215	Setembro	Machado para todas as idades	-
216	Outubro	Efeito dominó	- Formação inicial: a origem do sucesso (e do fracasso) escolar; -
217	Novembro	Educação Infantil	-
218	Dezembro	O bláblá da educação	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2009	Título	Seções
219	Jan/Fev	Produção de texto	-
220	Março	Trabalho em grupo	-
221	Abril	A origem da vida	-
222	Maio	Abrimos a caixa preta da prova Brasil	-
223	Junho/Julho	A tecnologia que ajuda a ensinar	-
224	Agosto	Como trabalhar com gêneros	-
225	Setembro	Guia do Ensino Fundamental de 9 anos	-
226	Outubro	Indisciplina	- O que é e o que pode parecer, mas não é;
227	Novembro	A educação a distância: mitos e verdades	-
228	Dezembro	50 ideias para 2010	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2010	Título	Seções
229	Jan/Fev	É hora de conhecer o que eles sabem	-
230	Março	Falar bem se aprende na escola	-
231	Abril	Um dia cheio de aprendizagens	-
232	Maio	África a bola da vez	-
233	Junho/Julho	Cyber Bullying	-
234	Agosto	Ler na escola	-

235	Setembro	Recuperação	-
236	Outubro	O professor do futuro é você	-
237	Novembro	5 etapas da boa pesquisa	-
238	Dezembro	Você no rumo certo	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2011	Título	Seções
239	Jan/Fev	Alfabetização	-
240	Março	15 mitos da educação	-
241	Abril	Como trabalhar bem com projetos	-
242	Maio	O desafio de seguir em frente	-
243	Junho/Julho	Lição de casa	-
244	Agosto	Inclusão	-
245	Setembro	Prova à prova de cola	-
246	Outubro	Você no centro das atenções	-
247	Novembro	5 estratégias de estudo	-
248	Dezembro	Tabuada	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2012	Título	Seções
249	Jan/Fev	Projetos sensacionais de presente para você	-
250	Março	Apoio para aprender	-
251	Abril	Alfabetização	-
252	Maio	Sustentabilidade	-
253	Junho/Julho	Neurociência	- Reportagem: remédios para o professor e a educação
254	Agosto	Gramática	-
255	Setembro	Turma Heterogênea	-
256	Outubro	Gestão da sala de aula	-
257	Novembro	Matemática do 5° e 6° ano	-
258	Dezembro	Educação Infantil	-

Índice de Edição	Mês / Ano 2013	Título	Seções
259	Jan/Fev	Professores nota 10	-
260	Março	Jogos na sala de aula	-
261	Abril	Todos podem ler e escrever assim	-
262	Maio	10 desafios sobre sexo	-
263	Junho/Julho	Hora de firmar a parceria	-
264	Agosto	Alfabetização	-
265	Setembro	A curiosidade na aula de ciências	-
266	Outubro	Clima para aprender	-
267	Novembro	Educação Infantil	-
268	Dezembro	10 projetos campeões	-

Índice de Edição	Mês /Ano 2014	Título	Seções
269	Jan/Fev	Aulas show de bola	-
270	Março	Um olhar crítico sobre o mundo	-
271	Abril	Avaliação processual	-
272	Maio	Lugares para aprender	-
273	Junho/Julho	O bebê pensa e aprende	-
274	Agosto	Registro que faz refletir	-
275	Setembro	Currículo nacional e seus impactos	-
276	Outubro	Ideias valiosas de professores vencedores	-
277	Novembro	Isto é Brasil	-
278	Dezembro	O mundo da escrita na pré-escola	-

Índice de Edição	Mês /Ano 2015	Título	Seções
279	Fevereiro	Sexo, sexualidade e gênero na escola, vamos falar sobre ele?	-
280	Março	Tecnologia o que levar para a sala de aula?	-
281	Abril	Arte liberdade para criar	-
282	Maio	Livro didático: qual o peso na sua aula?	-
283	Junho/Julho	Violência: como escrever outra história?	-
284	Agosto	Construtivismo na prática	-
285	Setembro	Ela quer colo e muito mais. Sono, alimentação e higiene são momentos valiosos que merecem atenção e planejamento	-
286	Outubro	O lado bom da rotina	-
287	Novembro	Não disponível	-
288	Dezembro	Não disponível	-